

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º a entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4\$000	2\$000	—	—
Estrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—

24.º Anno — XXIV Volume — N.º 828

30 DE DEZEMBRO DE 1901

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4  
OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 29

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável: Caetano Alberto da Silva.



GLORIA IN EXCELSIS DEUS



mais queria a benção; — e o pae deitou a benção ao filho mais novo, que se foi embora sempre a chorar.

Sabiram os rapazes; e cada um tomou por caminho differente, a procura de trabalho, ou de algum amo para se apleitar. O mais pequeno, esse a bem dizer nem sabia aonde ir, porque nem idade tinha para se governar, e ás vezes sentava-se debaixo d'uma arvore, e punha-se a chorar já muito cançado. Até que á bocca da noite encontrou uma mulher muito bonita, que se voltou para elle e disse-lhe assim:

— Menino! tu onde vaes?

— A ganhar a vida — respondeu o pequeno. A vêr se encontro um amo para me apleitar.

— Tão pequenino?!...

Elle então contou-lhe o que se tinha passado com o pae mais com os outros irmãos, e a apparecida disse-lhe assim:

— Queres tu justar te commigo?...

— Sim senhora, quero. Quem me dera! — respondeu logo o rapasinho.

— E então quanto queres ganhar?

Eu, o que me der!

— Bem! então estamos justos! Mas olha lá que tens de me servir sete annos, e no fim dou-te tres maçasinhas d'oiro, que é a soldada. Queres?

— Quero, sim senhora.

E o pequeno foi algum tempo detraz da ama. Mas vae senão quando, os dois desapareceram no ar, assim como n'uma nuvem de fogo! — O pequeno nem tinha desconfiado, mas a sua ama era Nossa Senhora.

Por lá andou o pequeno sete annos, que lhe pareceram a elle só sete dias; e no fim a ama mandou-o embora, e deu-lhe as maçasinhas do ajuste que eram tres.

— Toma! Dá-as a teu pae, e diz-lhe que é para te sustentar com ellas, mais aos teus irmãos. Toma. Mas não a dês senão a teu pae, ouviste?

O pequeno foi-se logo embora muito contente, morto por dar ao pae as tres maçasinhas, que haviam de chegar para elle e para os outros irmãos; e quando já ia perto de casa, encontrou dois que já tinham voltado, mas por signal ambos muito pobres.

Os tres puzeram-se então a conversar; e o mais novo contou aos irmãos a boa ama que tinha encontrado, e mostrou-lhe as tres maçasinhas.

Os irmãos ficaram cegos com o brilho do oiro; e logo alli rogaram muito ao mais pequeno que lhe desse a cada um sua maçasinha. Mas elle respondeu que só as dava ao pae e o pae que as repartisse por todos como quizesse.

A vista d'isto, e como o irmão não queria dar as maças á boa-mente, logo alli resolveram matá-lo e tirar-lhas depois, e se bem o pensaram melhor o fizeram; — mas qual não foi o espanto d'elles, quando viram que nem depois de morto arrancavam as maçasinhas da mão do irmão!

Os dois resolveram então enterrar o pequeno, e foram-se p'ra casa depois de o enterrar, e muito crentes que o seu crime se não saberia, porque ninguém o tinha presenciado. Mas d'ahi a mez pouco mais, um pastor passa por alli, e vê uma canna muito viçosa e muito bonita, que nascia onde o pequeno estava enterrado! Cortou a e fez uma flauta. — Mas vae senão quando, o pastor põe-na á bocca, e a flauta impeça a dizer:

Toca, toca, ó pastor,  
Que meus irmãos me mataram,  
P'r amor de tres maçasinhas  
E ao cabo não nas levaram.

O pastor ficou muito aterrado com o succedido, e foi-se d'alli onde a um carvoeiro, que andava no monte a fazer carvão, e contou-lhe o caso. O carvoeiro, inda mais espantado, pega na flauta e põe-se a soprar, e a flauta que entra logo a dizer:

Toca, toca, carvoeiro,  
Que meus irmãos me mataram,  
P'r amor de tres maçasinhas  
E ao cabo não nas levaram.

Ficou o carvoeiro que nem sabia d'onde era! E como estava de caminho para ir para a aldeia, e a flauta tinha a virtude de fallar, pediu ao pastor que lhe emprestasse, a vêr se se lá p'lo povo adivinhavam aquillo.

Levou a flauta o carvoeiro, e a primeira casa onde entrou foi a do ferreiro; e logo alli contou o que tinha acontecido e mostrou-lhe a flauta. Mal o ferreiro a pôe á bocca, a flauta que começa logo:

Toca, toca, ó ferreiro,  
Que meus irmãos me mataram,  
P'r amor de tres maçasinhas  
E ao cabo não nas levaram.

A este tempo entrava na forja o pae do morto, que ficou tambem muito admirado quando lhe contaram o que dizia a flauta! Pega tambem n'ella o pobre do velho, e põe-se a soprar, e a flauta diz logo assim:

Toca, toca, ó meu pae,  
Que meus irmãos me mataram,  
Por tres maçasinhas d'oiro  
E ao cabo não nas levaram.

O velho pôz-se muito branco, e acudiu-lhe logo que as palavras da flauta diziam respeito á sua familia. N'essa occasião entrava na frágua um dos filhos do velho, que era um dos dois que já tinham voltado, e que trazia carvão para agucar umas ferramentas. O pae pareceu que o coração lhe advinhou, porque mal o rapaz entra na forja, dá-lhe a flauta para que tocasse:

— Toma! Toca essa flauta!

Leva o rapaz a flauta á bocca, na boa fé, e ella começa logo:

Toca, toca, meu irmão,  
Que tu mesmo me mataste,  
P'r amor de tres maçasinhas  
E ao cabo não nas levaste!

O rapaz ficou muito aterrado e viu-se-lhe logo na cara o signal do crime. Mas como os filhos do velho eram sete e só dois é que tinham voltado, precisavam saber qual era o morto. Foram-se então d'alli onde ao pastor, que os levou onde tinha cortado a canna; e cava-que-cava mesmo no sitio, não tardou que apparecesse o corpo do pequeno, e n'uma das mãos as tres maçasinhas.

Por mais que alguns fizeram, não foram capazes de lhe tirar as maças; mas mal que o pae lhe tocou, abriu a mão e largou-as logo. Viu-se então que se tratava d'um grande milagre; e levados á presença do cadaver, os dois irmãos confessaram o que se tinha passado, — e logo alli appareceu a Virgem Santissima e arrebatou para o céu o corpo do pequeno, no meio d'uma nuvem de fogo!

Logo em seguida a terra abriu-se, e enguliu os dois irmãos!

Trindade Coelho.

## O PRESEPIO

HAVIA quasi um anno que estava na loja, mercearia n'um bairro escuro, em que mal entrava de esguelha, como espreitando a medo, um raio de sol, entre as casarias muito altas da rua tortuosa.

Com doze annos, que saudades tinha da aldeia, da familia, dos antigos companheiros de escola, dos cães amigos que ladravam de noite a vigiar a casa!

Tudo lá tão longe! Ah! se elle soubesse!

Pois nem uma lagrima lhe viera annunciar o ultimo adeus, quando a diligencia dera volta na estrada e elle vira sumirem-se os choupos da ribeira e o lenço que mão saudosa sacudia no alto do cabeço.

É que o deslumbrava a idéa de Lisboa, de que tantas maravilhas grandes lhe contavam. Ainda agora partia, e ja se via de volta na aldeia, de regoio e cadeia d'oiro, a falar d'alto, a puxar o bigode, a dar enchente, como o Janeiro, que lhe arranjára o logar.

Com o seu examesinho de instrucção primaria, marçano d'uma tenda... Não, que os paes não o queriam para cavador.

Tinhão sido consultados o mestre-escola, o prior, o sr. Freitas, lavrador muito importante que arrastava tudo nas eleições, o Custodio, velhote de muito bom conselho, e todos se haviam mostrado de accordo: Não havia como Lisboa para fazer um homem. Era ver o Janeiro que tinha casado com a viuva do patrão. A loja era d'um cunhado d'elle, bom homem, aspero mas bom homem. Os olhos baixos do Manuelzito, fitos no chão, viam no titilo resplandecer aureolas, que giravam como o fogo de vistas pelas festas.

Ali estava, havia quasi um anno; e no desvão da escada, onde ás dez horas o mandavam deitar, a morrer de calor no verão, no inverno a morrer de frio, punha-se a rever os campos e a casa deixados sem as lagrimas, que lhe agora corriam em grossos fios pelas faces.

Os primeiros dias haviam passado muito lentos. A conselho do Janeiro, um biscoito ou ou-

tro da mão papuda e oleosa do merceeiro haviam-o ajudado na tarefa. Assim é que elle havia de ser homem um dia. Mas o patrão mostrava maior pressa.

Pae, mãe e mestre-escola nunca lhe haviam batido. Atraveu-se uma vez a declarar o Foi peor.

Chegou o verão. As festas de S. João e S. Pedro augmentaram-lhe a tristeza. Reviu n'esses dias mais intensamente a alegria da aldeia, os bailes á noite em volta da fogueira, a ida á fonte pela manhã, o sino a tocar á missa, e elle a pensar que, quando fosse crescido, havia de ter uma namorada por quem queimasse uma alcaxofra, a quem cantasse umas quadras falando de estrellas e de flores.

A bulha nas ruas, essas noites, não o deixaram dormir. Cada bomba era uma pancada no coração. Um sol-e-dó que passou tocando arrancou-lhe lagrimas d'immensa saudade.

Pelos Santos, com a melancolia do tempo, ainda foi peor.

Depois veio o inverno, começaram os dias de chuva. O máo tempo irritava o patrão, porque lhe afugentava freguezes. Na loja, com recantos muito negros, accendiam-se muito cedo os candeieiros, e o Manuelzito tinha pena da sombra em que se acolhia com maior amor. Pasmava os olhos, fugia com o pensamento para muito longe.

— Acorda, ralaço! gritava-lhe o patrão.

Estava a chegar o Natal. Que lindo era o Natal lá na aldeia!

Andavam na rua a abrir um cano; quasi ninguem ali passava; os passeios eram cheios de lama. O patrão andava turioso.

Então o pequeno teve uma idéa.

Lembrou-se de fazer muito misteriosamente um presepio. O segredo em que havia de trabalhar mais o animava na tarefa.

Todos os dias, muito a medo, enquanto o patrão almoçava ou sahia da loja algum instante, vinha á porta, se não havia freguez a servir, espreitava, corria, apanhava um nadinha de barro nas excavações do cano. Escondia-o, e debaixo do balcão, quasi ás apalpadelas, ia fazendo as figurinhas.

Assim modelou o Menino Jesus, que deitou n'um berço de caixa de fosforos, Nossa Senhora de mãos postas, S. José de grandes barbas, os tres Reis Magos a cavallo, e os pastores, um a tocar gaita de folles, outro com um cordeirinho ás costas, e uma mulher com uma bilha. Não se pareceriam lá muito; mas elle deu provas de que sabia puxar pela imaginação.

Sempre lhe faltava alguma coisa. Havia problemas difíceis de resolver.

Um dia, engraxando as botas do patrão, lembrou-se de engraxar um dos reis, e poz-lhe depois d'umas bolinhas brancas, de papel, a fingir os olhos. Aos anjos fez azas com as pennas d'uma galinha que depennou para um jantar de festa que não comeu. Moeu vidro para fingir as aguas do rio, e no papel de embrulho recortou um moinho que só havia de armar á ultima hora.

Levou n'isso parte de novembro e dezembro todo até o Natal.

Escandia os materiais debaixo da enxerga e, de quando em quando, revia-se na obra.

O que mais o encantava era o Menino Jesus, com a cabeça do tamanho d'um grão de milho, com boraquinhos a fingirem olhos, ouvidos, nariz e bocca. Tinha mãos com cinco dedos riscados a canivete e dois pésinhos que elle achava um encanto.

Com tiras de papel azul havia de fazer o céu e, como o não tinha doirado onde recortasse a estrella, fez em papel branco uma meia lua; vinha quasi a dar na mesma.

Aquelle mez passou correndo.

Era vespera de Natal. A's dez e meia o patrão mandou-o deitar e sahiu.

Que alegria estar só!

Não lhe deixavam luz; mas que importava? A's escuras arranjara o presepio. E logo principiou. Enrolou o moinho, poz-lhe as velas; esticou o papel azul que fingia o céu e pregou n'elle com um alfinete a meia lua; espalhou o vidro moído n'um S em volta das palhas; dispoz as figurinhas; suspendeu os anjos. Depois fez uma carreira de fosforos de cera, que todos se haviam de acender ao mesmo tempo, n'um deslumbramento, quando desse meia noite.

Deram onze e tres quartos.

Ajoelhou.

Batia-lhe o coração, que lhe parecia que deviam de ser milagrosas as figurinhas, que d'ellas lhes viria algum bem, consolação de sua vida triste.



JESUS, MARIA, JOSÉ



BOAS FESTAS, MAMÃ...





